

A VELHICE ATRAVÉS DOS TEMPOS E NOS RELATOS LITERÁRIOS DE NORBERTO BOECHAT

Dalma Nascimento (UFRJ)

Artigo recebido em: 22/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

Atualmente, a questão do idoso problematiza-se em diferentes áreas do saber, sobretudo, à luz dos Estudos Culturais. Para acompanhar a evolução do tema, este ensaio apresenta uma rápida panorâmica sobre a velhice no passado e no presente, menciona alguns teóricos que enfocaram o assunto, alude à presença do ancião na literatura universal e brasileira. A partir das mudanças dos paradigmas, reflete sobre a questão da alteridade, tendo em vista a “diferença” dos seres da margem – no caso, o ancião. Por ser a literatura um local por excelência para pensar a existência, o artigo, por fim, analisa os contos memorialísticos de “**Me dê a mão**”, de Norberto Boechat, narrativas autoficcionais (termo de Serge Doubrovski), com conscientizadoras mensagens políticas e sociais dentro do contexto dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: velhice, Estudos Culturais, literatura brasileira, alteridade, a questão da diferença, seres da margem, memória, autoficção.

ABSTRACT

Nowadays, the question of the elderly is treated in many different fields of knowledge, especially in the context of Cultural Studies. To accompany the evolution of this theme, this essay presents a brief panorama of old age in the past and in the present, and mentions some theorists who focused on the subject, alluding to the presence of the elderly in universal and Brazilian literature. From a basis of changes in the paradigm, there is reflection upon the question of alterity, keeping in mind the “difference” in the marginalized beings – in this case, the elderly. And as literature is an excellent place to reflect upon human existence, the article analyzes the memorialistic stories of “**Me dê a mão**” (“**Give Me Your Hand**”), by Norberto Boechat, “autofictional” (Serge Doubrovski’s term) narratives with consciousness-raising political and social messages in the context of Cultural Studies.

Key words: old age, Cultural Studies, Brazilian literature, alterity, the question of the difference, marginalized beings, memory, autofiction.

1 A questão da velhice na filosofia e no literário

O desejo de conservar a juventude para retardar o envelhecimento e, conseqüentemente, a morte vem de distantes eras. Apesar de o declínio das funções vitais ser um processo biológico, evolutivo e irrevogável – ligado à natural dinâmica cósmica – a angústia da idade avançada tatuou-se na psique coletiva. Envelhecer é imergir em desconhecidos desígnios, tangenciar questões essenciais que a finita mente humana não consegue equacionar. Tal discussão é complexa e abre-se a vários horizontes em diversas áreas do conhecimento, atestando também a sempre atualidade do tema. O universo do idoso já está presente em passagens do Antigo Testamento e em livros sagrados das arcaicas religiões. E, por diferentes enfoques, circula, sobretudo, na reflexão dos filósofos quer com serena aceitação, quer com tons melancólicos pelas restrições e agravantes físicos e psicológicos em que se move o ancião diante do inexorável destino.

A questão da senilidade aparece na filosofia de Platão (427- 347a.C.), para quem a velhice concede ao ser humano imensa paz e libertação. Em contrapartida, transita com tons deprimentes nos textos de Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.) pelos desconfortos com os quais os velhos são obrigados a conviver¹. É objeto central da obra **De senectude**, de Cícero (103-43 a.C.)², ressurgue nas cogitações de Sêneca (20 a.C.-65 d.C.)³, passa pelo médico Galeno (129-199 d.C.), autor de **Gerocomica**, obra, em parte, antecipadora de certos preceitos da presente geriatria, e, após o decurso de séculos, já no momento renascentista/ maneirista, chega aos **Essais**, aos extraordinários ensaios de Montaigne (1533-1592)⁴.

O tema do ancião infiltrou-se nas preocupações dos sistemas filosóficos antigos e modernos. Cada pensador, com seu olhar específico e o de sua época, ilumina determinados ângulos do envelhecimento de acordo com as coordenadas do tempo histórico, do espaço geográfico e das tradições comunitárias em que o assunto se situe. Entre os teóricos e filósofos mais recentes, citam-se, por exemplo, na França, Simone de Beauvoir (1908-1986) com o magistral livro **A velhice**, e, na Itália, Norberto Bobbio

¹ Em Platão, tais referências estão, sobretudo, em **A república**. Em Aristóteles, principalmente em: “Sobre a juventude e a velhice, sobre a vida, a morte e sobre a respiração”, opúsculo inserido no conjunto de seus trabalhos psicológicos.

² Cícero em **De senectude (Sobre a senilidade)**, descreve a conversa do velho Catão (80 anos) com os jovens Cipião e Gaio Lélio em torno dos agravos e vantagens da senectude. Já àquela época, Catão criticava os preconceitos contra os idosos. Cícero esclarece que é possível envelhecer com saúde, se cuidarmos do corpo e da mente. Com a perda dos desejos corporais, o ancião deve buscar o conhecimento, a fim de expandir capacidades inusitadas e prazerosas.

³ Sêneca defendeu a velhice em suas cartas a Lucílio, preconizando aceitá-la, pois nem todos têm a chance de lá chegar.

⁴ Montaigne alude à velhice em várias digressões de sua extensíssima obra de três volumes. Porém, no capítulo “Da idade” (LVII, do Livro I), ele a tematiza de forma mais consistente.

(1909-2004) na bem urdida escrita, embora meio nostálgica e bastante pessoal de **O tempo da memória**: De senectude e outros artigos autobiográficos⁵.

Ambos os autores, oriundos de tendências socialistas, questionaram a hegemonia do discurso dominante e trouxeram à cena política e social contribuições de expressivo valor sobre o significado do ato de envelhecer e a situação dos longevos jogados para o porão do sistema ou para a periferia das margens da cultura oficial. Principalmente isso se lê em Beauvoir, no alentado painel, vindo de épocas remotas ao mundo contemporâneo. Nos anos setenta do último século, ocasião em que publicou a aludida obra, ela verberou contra os maus tratos infringidos àqueles seres vetustos, discriminados e imersos “numa conspiração de silêncio”. (1990, p.8). A partir da Idade Média, o ancião, distante dos vínculos do mundo, passou a ser aquele que nada sabe e a velhice tornou-se “uma espécie de segredo vergonhoso do qual era indecente falar” (BEAUVOIR, p.8-11). Para a escritora, a sociedade não é apenas culpada, mas criminoso. Por isso, compôs um libelo de denúncia e de conscientização, no qual esmiúça a ancianidade em múltiplas facetas.

Nas últimas décadas, teses, dissertações, monografias acadêmicas e livros de diversas procedências científicas têm surgido com frequência no mundo inteiro, o que comprova a relevância do tema, que se desloca para diferentes esferas de análise, contudo, com mais ênfase agora, nos tempos pós-modernos, para o âmbito dos Estudos Culturais. E, por ser a literatura local privilegiado para acolher e problematizar questões da existência, a velhice não poderia mesmo estar ausente da ficção universal. Assim, para investigar a presença do ancião e seu desempenho nas produções literárias em diversificados momentos histórico-estéticos da literatura universal – porém, mais especificamente em obras nacionais –, a professora Carmen Lúcia Tindó Secco lançou o livro, teórico e analítico, **Além da idade da razão** – longevidade e saber na ficção brasileira.

Guiada, sobretudo, pelo discurso narrativo, ela mergulhou em diferentes estilos literários e campos do conhecimento num trabalho interdisciplinar de ampla repercussão cultural. Na esteira de Beauvoir (uma de suas fontes bibliográficas), aliou substratos antropológicos, míticos, históricos, memorialísticos, filosóficos, etnológicos, sociais, psicológicos, econômicos e médicos às interpretações das escritas ficcionais, onde a figura do idoso pontifica. Por fim, centrou-se nas representações dos velhos tematizados em romances e contos de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Néliida Piñon⁶. Estabeleceu entre eles identidades e/ou diferenças contrastivas quanto à construção

⁵ Numa autobiografia memorialística também poética, Norberto Bobbio manteve fecundo diálogo com filósofos do passado, trazendo seus conceitos à atualidade. Já o título de seu livro é uma homenagem à obra homônima de Cícero **De senectude**, à qual Bobbio se refere continuamente em suas meditações.

⁶ A tese de Carmen Lúcia Tindó Secco, defendida na Faculdade de Letras da UFRJ, nomeava-se poeticamente **As rugas do tempo nas dobras do literário**. Publicada com o título mais comercial, acima mencionado, ela traz o posfácio de Néliida Piñon “Luzes e sombras da memória”, no qual a ficcionista brasileira discorre sobre a velhice a partir dos personagens idosos de seu romance **A república dos sonhos**, composição também analisada pela pesquisadora.

da narrativa e ao desempenho dos indivíduos de avançada idade ali ficcionalizados.

De passagem, tangenciou também o perfil do idoso em textos de Lygia Fagundes Telles, Autran Dourado, Adonias Filho, Aníbal Machado, Josué Montello, Pedro Nava e em demais escritores brasileiros que se voltaram para a questão. Já pela extensa lista dos autores mencionados, percebe-se o quanto o ancião é presença recorrente nas letras nacionais com figurações relevantes a reunir signos imagéticos, linguísticos e histórico-culturais numa significativa semiose discursiva. Por ser o trabalho da professora Carmen Lúcia de alcance horizontal e vertical, seu livro tornou-se documento imprescindível para os estudos da velhice no horizonte do literário e de demais áreas do conhecimento.

Nas análises da pesquisadora, observa-se que cada obra focaliza o idoso com a retina pessoal, e, no desenrolar da história narrada, reflete o estilo literário a que pertence o autor, além da cosmovisão da época sobre a problemática do envelhecimento. No Romantismo alemão, por exemplo, o personagem Fausto, do livro homônimo de Goethe, vende a alma ao diabo em busca da eterna juventude. O horror à perda da mocidade se expressa igualmente no Decadentismo europeu dos fins do século XIX, em **O retrato de Dorian Gray**, do irlandês Oscar Wilde, quando o protagonista, apavorado com as rugas, rasga o simbólico retrato. Tal gesto confirma que o pavor de envelhecer atravessou os últimos séculos na cultura do Ocidente.

Todavia, num retrospecto ao longínquo passado das sociedades orais mais arcaicas, sabe-se que muitas delas reverenciavam os mais avançados em anos. Tribos primordiais acreditavam que certos velhos conheciam o sagrado segredo das origens, sendo a história do universo a eles revelada pelos deuses. Guardiães da memória ancestral e do patrimônio cultural, eles detinham o poder ontopoiético e o conhecimento do lendário coletivo. Donos do saber e do dom de contar histórias, eles, com a palavra mágica crepitando em torno das fogueiras, relatavam ao povo a inauguralidade do cosmos e os feitos guerreiros dos heróis consagrados. Na antiga Grécia, aqueles “sábios profetas” eram chamados de rapsodos e aedos; entre os povos celtas, de bardos; nas pretéritas populações irlandesas, de escaldos, e, nas regiões africanas, de griots⁷. As lembranças mítico-poéticas de tais narradores ressurgiram em posteriores representações literárias, e hoje se encarnam, com novas modalidades e funções, nas rodas de histórias, figurações emblemáticas dos contadores da oralidade.

Também a Grécia clássica deu-nos mais outro testemunho expressivo ao valorizar o arconte, indivíduo idoso respeitado pela comunidade graças ao poder de preservar tradições e de ser o intérprete dos documentos antigos e das leis da pólis.

⁷ Griots eram negros da África pertencentes a uma casta especial, ao mesmo tempo, poetas, músicos e feiticeiros.

Arconte vem do grego arkhé, “fundamento inaugural, princípio primeiro”⁸ e tem a mesma raiz de “arquivo”, de “arqueologia”, de “arcano” e de “arqueiro”. Assim, pelos arquivos do passado, o arconte imergia na arqueologia dos fatos culturais, para reconstituir os arcanos da memória coletiva. E, com a eficácia simbólica de um arqueiro, lançava o arco da aliança da tradição às gerações futuras. Por isso, era acatado pela antiga comunidade grega.

Mas, longe, muito longe, já se vai o tempo em que no Ocidente a velhice era assim festejada. Entretanto, ainda no Oriente dos dias de hoje, em regiões por enquanto não asfixiadas pelos tentáculos ocidentais massificadores, o ancião é honrado pelo saber que acumulou. A recente novela de Glória Perez, **Caminho das Índias** mostrou com acuidade a diferença entre dois espaços culturais distintos, que, apesar de coexistirem no mesmo tempo histórico, apresentam cosmovisões diversas quanto aos longevos. Pelo império da matriarca do clã representada por Laura Cardoso e pelo velho sábio enamorado e conhecedor dos textos da tradição encarnado por Lima Duarte, a televisão mostrou que os mais novos, ao cumprimentarem avós e pais, ajoelhavam-se a seus pés.

Contudo, o contraste apareceu nas cenas ambientadas no Rio, metonímia do Brasil e, por sua vez, do presente mundo ocidental. O velho industrial bonachão, em que pese ainda ativo e capaz, fora destituído pelos filhos da gerência da empresa que ele próprio fundou e através da qual o patrimônio familiar se alicerçou. Colocado à parte nos negócios e na casa, sem direito à voz, ele era só entendido e respeitado por dois netos, ambos estranhos ao ninho doméstico. Ela, uma jovem excêntrica no vestir e no pensar, segundo o padrão fútil da mãe e discriminatório do grupo. Ele, um rapaz doente mental, incompreendido pela família por sua maneira de ser. Portanto, tão marginais e “desclassificados” quanto o idoso avô.

Todavia, tal conjuntura já começa gradativamente a mudar no Ocidente. O advento acelerado da tecnologia de ponta, as descobertas científicas na área da saúde com pesquisas laboratoriais, exames e medicamentos moderníssimos, além do conforto material ampliaram o número de indivíduos que ultrapassam a fase adulta. Diante das transformações por que passa o globo, o ancião tem merecido na maioria dos países mais atenção das políticas governamentais. No Brasil, em 2003, foi promulgado o Estatuto do Idoso. A nova lei desestabilizou o sistema oficial das antigas convenções imobilistas. Aliás, não só com relação aos velhos, mas o globo todo se encontra em movimento. O atual ritmo planetário inverteu

⁸ Em seu estudo e tradução da **Teogonia de Hesíodo** – a origem dos deuses, o especialista na cultura grega, Jaa Torrano, afirma que arkhé envolve “um princípio inaugural, constitutivo e dirigente de toda a experiência da palavra poética” (p. 13). Mesmo sem mencionar os substantivos arca, arcano, arquivo, arconte, depreende-se que o sentido de cada um destes termos articula não só o movimento dos primórdios, mas atravessa o tempo e abre-se às clarezas do futuro.

o eixo de gravitação dos problemas espaciais e temporais. E já que tudo está em metamorfoses, também o conceito do que é ser idoso transformou-se. O ancião, com seus traços diferenciais, não é mais aferido pelos parâmetros universalistas dos “grupos de referência”(LANDOWSKI, 2002, p.5) das sociedades majoritárias, donas do poder.

2 A Velhice à luz dos Estudos Culturais

Hoje, apesar do império da juventude, do culto exacerbado à beleza física e do pragmatismo tão enfático na cultura contemporânea, os velhos, pouco a pouco, vão deixando de estar à margem do sistema hegemônico. Relegados, outrora, aos subterrâneos culturais, eles faziam parte daquele contingente “humano” de minorias, até então, consideradas “desviantes”. Entre elas, o negro, a mulher, o índio, o estrangeiro, o judeu, a criança, o homossexual, o cigano, o louco, os deficientes e demais elementos calados e apagados das participações sociais codificadas do passado. Pelo revisionismo crítico do presente, todos agora estão sendo reconhecidos. Compreendeu-se que o universo é plural e que a cultura interage e integra vários territórios em processo criativo.

Reverteu-se, pois, a palavra final centrada nas relações assimétricas, vindas “de cima para baixo”, que as elites endossavam com regras canônicas imutáveis. Na subversão dos paradigmas, o erudito e o popular agora caminham juntos na dinâmica propulsora do progresso. Etnias, classes sociais, o gênero (na acepção de *gender*, relativo ao sexo), alijados da cena majoritária ou cooptados pelo poder transformador dos “grupos de referência”, presentemente se irmanam em *philia* dialógica. Isto é, na amizade interlocutiva com trocas enriquecedoras para ambos os lados. Todos, então, participam da argamassa do “processo” histórico-social, aberto ao convívio com as “diferenças”. Já o fato de aludir-se aqui a “processo” – termo que remete a ações se fazendo, nunca acabadas e contrárias ao autoritarismo imobilista de décadas atrás – constata-se que outra paisagem intelectual se desenhou nos horizontes do mundo.

Os fatos passaram a ser analisado *in fieri*, ou seja, “em se fazendo”, “em se construindo” nas várias etapas da vida individual, coletiva e nacional à luz dos Estudos Culturais, cujos conceitos teóricos embasam, no momento, as análises literárias. E, neste contexto interativo/produtivo, insere-se a problemática do velho. Ele e demais minorias partilham das mobilidades histórico-culturais dos novos tempos. Na cena global, diferentes leituras ou releituras sobre a velhice surgiram.

As identidades são consideradas, hoje, em “movência”⁹ e nunca totalmente prontas, mas em processo inacabado. Em certa medida, tais conceitos estão fundamentados no devir de Heráclito¹⁰. Aliás, a consciência de que tudo “devém”, isto é, de que se encontra em devenir, já fora, depois do filósofo pré-socrático, retomada através dos séculos por demais pensadores.

Cada filósofo, em seu reduto intelectual, apanha o mote do mestre anterior, e, a seu modo, renova-o, para inovar. Alguns exemplos: o já mencionado Michel de Montaigne, porém, agora aqui, focalizado pelo fato de seu espírito investigativo ir-se construindo sempre em processo, similar à concepção de Heráclito. Ao descrever sua intimidade na torre de seu castelo, Montaigne apresenta um pensamento em ação, que se foi formulando por meio de leituras e de reflexões interlocutivas com os pensadores da antiguidade. Também, Henri Bergson (1859-1941), o filósofo da intuição, que através dela, tenta captar a *durée*, a realidade da “duração”, algo fluente e em marcha ligado aos fluxos da memória e à percepção criadora. O devir está presente em Ernst Bloch (1885-1977), o pensador da itinerância, “do principio esperança”, da consciência antecipadora do futuro, cujas ideias se desenvolveram na práxis do aqui-e-agora (*hic et nunc*) e sempre junto com a alteridade, ou seja, com o “Outro”. Ao analisar o ideário de Bloch, Pierre Furter¹¹ lembra que, para ele “a esperança realiza-se com outrem, porque uma esperança não se vive sozinha” (FURTER, 1974, p.39).

Com as devidas diferenças das peculiares visões de mundo, dos pressupostos teóricos escolhidos e da maneira peculiar de articulá-los, os filósofos acima citados situam-se na perspectiva do vir-a-ser heraclitiano, conceito hoje ressemantizado com novos aportes e nomenclaturas diferentes pelos mentores dos Estudos Culturais. Para

⁹ O termo movência foi criado por Paul Zumthor no livro **A letra e a voz** com relação às mutações linguísticas na Idade Média Central. Refere-se à passagem da oralidade à escrita, às intervocalidades e à questão da performance do narrador. Segundo Zumthor, o texto medieval bouge, movimenta-se, transita, modifica-se. Atualmente movência vem sendo usada, em todas as instâncias culturais, ligada às mutações que se dão nas diversas circunstâncias culturais

¹⁰ Heráclito, o filósofo do transitório, opô-se à ideia do também pré-socrático Parmênides, o filósofo do permanente. Parmênides afirmou: “As mudanças são mera ilusão”. Décadas depois, Heráclito: “Tudo muda, exceto a mudança”. Aristóteles, bem mais tarde, conciliou as duas posições: “Tudo muda e tudo continua”. E explicou: “A matéria e as coisas mudam, mas os princípios continuam” (PELEGRINO, Roberto. O mistério da vida e a certeza da morte. **Recanto das Letras**. 04/03/2009. Disponível em 16/11/2009, 15h 04. <http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/Texto:14690234>

¹¹ No livro **Dialética da esperança**, Pierre Furter explica que a utopia, no sentido de Ernst Bloch, se localiza no “entre-lugar” de horizontes que se vão desenrolando, através dos fluxos multiiformes empreendidos por cada indivíduo junto com o semelhante, seu “Outro”. Esta é uma das marcas do filósofo alemão, que diz ainda: “O Outro, em vez de ameaça [...] deveria partir comigo, trocar os excessos que cada um tem” (FURTER, 1974, p. 81). Em sua utopia esperançosa e na consciência de que tudo se encontra em mudança dentro da categoria do possível no trânsito ao devir, Bloch também propôs “captar o devir sem, no entanto, capturá-lo. Ter a visão totalizante, mas sem ser totalitária”. Ernst Bloch, em seu profetismo revolucionário, pensou “o ainda-não-sendo”, embora ele já seja campo de possibilidades a futuras realizações.

os atuais estudiosos da cultura, o homem é também campo de possibilidades criativas e realiza-se, em contínuas construções e caminhadas em direção ao porvir, junto com a alteridade. Assim, graças às atmosferas de rupturas e acelerações das engrenagens sociais, as ideologias políticas absorveram tais pressupostos para desconstruir os antigos guetos de resistência das minorias, trazendo os seres das periferias – aqueles “Outros” relegados – para o diálogo inovador e produtivo com o centro.

Difundiou-se, então, o lema “politicamente correto”, que visa à aceitação da “diversidade” dos indivíduos antes barrados pelos órgãos autoritários de controle. Tal premissa legitima a posição igualitária dos socialmente fora do sistema, agora partícipes da dinâmica do processo. Deste modo, os velhos já não são mais taxados de decrépitos, ridículos, parasitas, inoperantes e feios, segundo o padrão jovem e mercadológico da sociedade industrial. O Estatuto do Idoso não o permite. Penaliza quem assim o fizer. Tanto que não mais se veem por aí aquelas *charges* nos jornais e revistas com caricaturas jocosas e grosseiras ou as piadinhas satíricas com risíveis deboches sobre a velhice.

A identidade do ancião antes fixa, imutável, coagulada, e sem lugar preciso, flutuante “entre dois” territórios (o passado impossível de retornar e o presente que não lhe dava vez), passo a passo se modifica. Sobretudo, o velho rico conquista espaço, visibilidade e respeito coletivo. Livre das reclusões domésticas, ele partilha dos prazeres do mundo. Caminha nas praias, faz ginástica, frequenta associações, vai a bailes, namora. Aberto ao amor e à sexualidade, tornou-se criativo. E oferece à coletividade a experiência e a memória, duas grandes companheiras, àqueles que as queiram escutar.

Entretanto, existem alguns, mais afoitos e endinheirados, que internalizam os bombardeios consumistas da mídia. Então caem no extremo oposto. Tentam disfarçar as rugas com plásticas e maquiagens pesadas, passam tintas no cabelo, usam roupas juvenis, correm atrás de jovens, em descompasso com a erosão do corpo e os sulcos da face. Não percebem que tais atitudes – estas, sim, caricatas e hilariantes – não irão preencher sua solidão interior. São apenas modos insensatos, além de inúteis, para fingir uma juventude que ficou para trás. Meras fantasias para anestesiarem as verdades que os anos lhes trazem e os atormentam.

Por este rápido introito, percebe-se que a velhice é mesmo complexa e controvertida. Não sem razão, os filósofos e teóricos a discutem tanto. Ela apresenta múltiplas faces, difíceis de serem entendidas por quem esteja fora do problema. O esmaecer das ilusões, a perda dos amigos, a aposentadoria, a viuvez, a desintegração da célula familiar, o frequente abandono dos parentes, a solidão, os distúrbios comportamentais, a demência senil, o tão amedrontador Alzheimer, o andar trôpego, a vista embaçada, as palavras que fogem, a perda da audição, do paladar, do tato, o

declínio da sexualidade, as frequentes repetições cansativas de suas horas vazias e, principalmente, a proximidade da morte são fatos concretos que continuam a assustar a humanidade.

Eis, portanto, os grandes desafios que a longevidade gerou para os âmbitos médico, psicológico e socioeconômico com a possibilidade de o ser humano viver por mais tempo. Nesse contexto, a geriatria pretende prolongar o vigor, a integridade, a lucidez, em suma, a saúde dos pacientes além das antigas marcas cronológicas. Surgiu a gerontologia, ciência que estuda o processo de envelhecimento produtivo pela integração dos determinantes biológicos, psicológicos e sociais. A velhice ganha espaço em jornais, em debates da televisão, em estudos interdisciplinares. Ela está mesmo na ordem do dia.

É curioso, “o conceito da velhice envelheceu” – proclamou, certa manhã, Myriam Leitão no noticiário televisivo do **Bom dia, Brasil**. De fato, pela rapidez das transformações do progresso científico e tecnológico, o que era novo, logo fica velho. Perde o frescor. Murcha. Por tudo isso, foi mais que oportuna a publicação da coletânea dos contos conscientizadores de “**Me dê a mão**”. **Sobre envelhecimento, idosos e asilos**, do médico geriatra e gerontólogo Norberto Seródio Boechat. Com emocionantes lições de vida, o autor descreve, em narrativas curtas, mas densas de memórias autobiográficas, vários episódios da sua experiência profissional, vivenciados em mais de trinta anos no exercício da clínica.

3 Apresentação do livro

Em “**Me dê a mão**”,¹² Boechat revela a realidade física e interior dos idosos, sua relação nem sempre fácil com os familiares, e, em certos casos, denuncia a consequente reclusão forçada dos doentes em asilos com a perda de referências de seus horizontes pessoais. Histórias reais em transfigurações literárias – algumas pungentes, outras esperançosas – compõem a coletânea de 33 pequeninos contos-fragmento, em que o perceptível olhar do médico se transmuta geralmente na dicção memorialista do escritor. Cada página, quase sempre construída na primeira pessoa do discurso narrativo, ilumina existências transformadas em letras com as lembranças por ele colhidas em décadas de ofício. Muitas são as situações essenciais ali condensadas pela arguta percepção do autor, embora a tônica dos relatos seja

¹² O título do livro de Norberto Boechat “**Me dê a mão**”, além de estar impresso em negrito neste ensaio, conforme as normas desta revista, se encontra também entre aspas. Elas são necessárias para interpretar a proposta do autor e da análise semiológica da capa desenvolvida neste estudo. Para dar visibilidade e maior compreensão ao texto, as reproduzimos também.

a relação compartilhada de afeto, o sensível acolhimento da alteridade, a terna compreensão e compaixão pelo velho, refletindo-se nas entrelinhas dos textos com clarificadoras mensagens.

O título “**Me dê a mão**”, já por si impactante, encontra-se significativamente – o que é expressivo numa leitura mais profunda – grafado entre aspas. Tal fato demonstra que a frase-sintagma “**Me dê a mão**” não é somente do autor e que ela não está ali apenas para nomear-lhe a obra. Na verdade, reproduz o agônico pedido de alguém. Por isso, o escritor a manteve entre aspas. É a fala de um “Outro”, seu próximo, que a acuidade do médico-contista incorporou já no título, tornando-a também sua. Logo, aí já se percebe a simbiose de trocas entre a identidade do escritor e a alteridade do paciente, já que ambos estão intrínseca e criativamente conectados. Isso comprova que eles estão juntos em diálogo produtivo, ligados pela mesma comunidade do destino, na mesma dor do existir.

Fiel à proposta da escrita, no desenho da capa, a eloquente ilustração de Cândida Boechat complementa o projeto e confirma o recado do autor. Em tonalidade sépia, lembra fotos esmaecidas de antigos álbuns de família. Sugere o esfumaçar de vidas que se apagam, iguais às histórias contadas no livro. No centro da pintura, duas mãos se estreitam, disseminando sentidos. Uma se eleva, clamante. Aponta para a transcendência. Talvez para o céu, para o além, para a morte, ou para o “grande útero” divino de onde – quem sabe? – todos nós, um dia, tenhamos sido “ex-patriados”.

A outra mão apoia, cuida, conforta. Ampara. Apenas o contorno dos dedos de ambas se esboça na polissêmica linguagem gestual do escurecido desenho. Forte e conotativo é o contraste com a brancura das letras do título e do nome do escritor, que a semântica da imagem realça. A capa prossegue na mesma atmosfera, sombria e simbólica, produzindo um arsenal de significações. Na parte de trás, destaca-se, também em caracteres brancos, uma interpretação literária da imagem pictural. Texto sem assinatura, provavelmente do autor dos relatos, que, pelo efeito estilístico das frases, bem poderia constar do interior da coletânea.

Seduzido pelos tocantes dizeres e pelo visual plurissignificativo da imagem, o leitor já vai entrando no clima e no fluxo daquelas histórias. Penetra, então, em assuntos de tão humanos, nos quais as gradações do tema variam, embora seja a mesma, a conferir unidade às exposições. No jogo literário do *fingere* , isto é, do fingir da ficção – situado no tênue trânsito entre a verdade e a fantasia da arte – os idosos do doutor Norberto tornam-se personagens emblemáticos de autênticas ocorrências geriátricas. São metáforas de sua própria vida nas histórias contadas e, ao mesmo tempo, metonímias de tantos velhos, que andam por aí, em situações similares.

4 O estilo da escrita

Através da máscara ficcional, casos clínicos vívidos, mas ficcionalizados, iluminam-se no papel de forma natural, sem a linguagem rebuscada e complexa de tratados científicos da área médica. Em que pese o sofrimento universal ao qual ninguém se subtrai, a escrita flui, serena, reflexiva e prazerosa por frases curtas, melódicas, com palavras singelas até mesmo nas tiradas filosóficas. Boechat consegue poetizar o cruel cotidiano, ao narrar a terrena passagem do homem em meio às dores. Na reconstituição memorialística dos fatos, a força sanguínea das vivências contagia as palavras e toca o leitor. Leva-o a meditar, visando à sua transformação interior diante da situação dos velhos. Em geral, os pequenos contos se fecham com uma ou duas sentenças breves, condensando-lhe o pensamento.

Às vezes, face ao inelutável do problema narrado, o autor recorre à ironia, àquela sofrida ironia, fruto de perplexidades, da solução “tango argentino” do poema “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira. Também não raro lança sua conclusão com reticências para deixar o receptor partilhar das observações e implicitamente, com o narrador dialogar. Segue assim a técnica moderna da obra *in fieri*, que se vai construindo com a cumplicidade do interlocutor. Logo, os contos estão bem de acordo com os pressupostos atuais da estética da recepção, um dos pilares da teoria da literatura, a fim de a ideia completar-se na circularidade da leitura. Por isso, na análise de cada peripécia, há diversas interpretações pelas possibilidades pluridimensionais do discurso da arte.

Explosões negativas, pessimistas são banidas das considerações de Boechat. De resto, esta é uma das marcas pessoais desse médico-escritor, de fato, um entendido na linguagem do corpo e dos sentimentos, que se vão espelhando em sua prosa poética. Pelas subjetivas figurações desse “Outro”, seu paciente, ele expõe o que viveu, o que confere veracidade ao narrado, a despeito da transfiguração mimética peculiar ao literário. A densa leveza das construções traduz a verdade ditada pelo sentimento, por isso, logo estabelece identidade com o leitor. Aliás, não sem razão, a própria Bíblia diz que “só se fala do que está cheio o coração”, ou seja, *ex abundantia cordis os loquitur* (Mateus, 12: 34). De fato, ainda que ele descreva o *pathos* trágico de seres perdendo as funções vitais e que mal comandam seus atos, ou reproduza casos clínicos daqueles que não conseguem erguer-se das perdas e dos lutos, a escritura desliza afetiva e piedosa, contudo, sem pieguismo. Lembra o ritmo amistoso do antigo contador de histórias, a envolver, no passado, sutilmente o auditório e com ele interagir, performativo, ao relatar fatos escavados da alma e da tradição.

Isso também se dá quando focaliza os condenados, pela família, ao desterro forçado nos asilos, “desterritorializados” de seu *habitat*, apesar de o coração do

velho ainda estar batendo em meio a devastadas ilusões. A emoção do geriatra-contista então se disfarça naquele “dizer não-dizendo”, tão frequente nos escritos de Machado. Entretanto, ao mesmo tempo, ela está ali, submersa, mas palpitante, para corresponder, quando necessário, ao apelo subjetivo daquela alteridade, já velha e cansada, e, trazê-la, com agenciamentos produtivos, à vida e a seu texto. Ao aliar a intuição profissional à arte do literato, Boechat instaura a ambiguidade necessária às expressões estéticas e chega-se, tranquilamente, ao cerne das tensões, onde pulsa a vida, mas já lateja a morte. Eros e Tânatos, enlaçados, marcam, então, os passos dos *flashes* existenciais retratados em “**Me dê a mão**”.

5 Alguns fragmentos da coletânea

Abre-se o livro com um prefácio-ensaio do autor em dicção mais acadêmica. Ali se teorizam as transformações por que o mundo foi passando no contexto social expansionista e a posição dos longevos em tal conjuntura. A escrita deixa entrever os conflitos e os impasses gerados pelas mudanças dos paradigmas com as antinomias daí decorrentes. Sem dúvida, para que o leitor pense, sem preconceitos, em tais questões e mude seu ponto de vista em relação aos idosos. Ao valorizar a longevidade, o geriatra-escritor usa a literatura como porta-voz para refletir sobre a existência. Faz das palavras um exercício de luta e de denúncia, sobretudo no que concerne aos asilos e ao papel dos geriatras. Contudo, traz acenos de esperança, ressonâncias e ecos, inconscientes talvez, da utopia filosófica de Ernst Bloch para tentar “reformular os rumos de uma vida”.

O primeiro miniconto, intitulado “Clara e Manuela ou o grande cruzeiro”, narra o drama entre Clara, “a filha aflita e cansada”, e Manuela, a mãe, “com noventa anos, demenciada e com febre”. Pelas breves frases, visualiza-se a velha, “esquálida, tombada, gemente”, indo ao banheiro, arrastada pela acompanhante. Perscrutador dos meandros psíquicos, o eu narrativo intui o que se passa na mente da jovem, “presa àquela mãe, desejando-lhe intimamente a morte”. E antecipa também o fim de Clara, cujo sonho era fazer um cruzeiro com o marido a países distantes.

O próprio título do conto, ao terminar com o sintagma “o grande cruzeiro”, aponta para a ambivalência literária que o relato induz. Remete, ao mesmo tempo, à *via crucis* de Clara, a navegar com a mãe para a viagem final, e sugere seu frustrado passeio no cruzeiro, anseio de uma vida inteira, talvez, para sempre postergado. Após a partida da mãe, adveio-lhe a “distensão abdominal, a bolsa de colostomia e perspectiva de quimioterapia”. E o conto se fecha, abrindo-se para o receptor

completar-lhe o sentido e recordar episódios até –, quem sabe? – vivenciados em sua família...

Já o miniconto “Questão de sobrevivência” flagra situação parecida, mas de desenvolvimento diverso. Marilda, a filha, não mais suporta a presença da mãe, “falando sem parar, babando ou dopada”. Os empregados se despedem, os filhos e o ex-marido não mais a visitam. Sua vida particular virou um caos. Por fim, a pergunta da jovem, sufocada na garganta, explode: “Por que, doutor, por quê?” Insuportável era, de fato, a situação até para o médico: a velha demente, macérrima, dominada por Alzheimer, enfermeira, medicamentos controlados... “Nada a estimulava” – conjectura o narrador, ao fazer o diagnóstico da anciã, que se extinguiu, e a sujeição de Marilda inerte diante da força do destino.

Os dois relatos acima dão a dimensão psicológica e ontológica de **“Me dê a mão”**, de onde emergem verdades atemporais. Verdades que sangram, tingem as letras e atingem a mente e o coração do leitor. Elas existem no cotidiano, partilham da vivência médica e da própria humanidade da nossa condição. O objetivo do conto é, de certo, mostrá-las, a fim de mudar o ponto de vista do observador e transformá-lo diante do infortúnio. Outras cenas trazem à tona atritos, ressentimentos, mágoas, camufladas na aparente dedicação e zelo ao velho, como testemunha o cotidiano de um casal, cujo marido está enfermo. Expressivo é o título: “Mal necessário”. Diante da farsa matrimonial, o narrador, dotado de psicologia, filosofa: “Continuaram casados apenas por pertencerem à geração que não se separava...”. E talvez o leitor complete: fora mesmo para ambos um mal necessário...

A velhice, conforme já se assinalou, traz complexas situações em tantos ângulos, o que permite que Norberto Boechat grave em torno de variados cenários em constantes interações, formando no livro um mosaico de lembranças. O miniconto “Medo”, por exemplo, enfoca outro tipo de episódio. Marco Antonio, o protagonista, deseja envelhecer bem. Faz caminhada, tem boa alimentação, sonha chegar independente e viril aos oitenta anos. Contudo, vive apavorado com o drama do futuro e desabafa: “Não quero ficar numa cama, paraplético, demente, dependendo das pessoas para me cuidarem e limparem. Não quero exibir minha intimidade para ninguém. Já pensou, doutor, alguém me dando banho, limpando minhas partes íntimas?”. Diante das ciladas da vida e da empatia entre o doente e o médico, o narrador, angustiado, comenta com o narratário implícito: “Saiu algo decepcionado. Gostaria de que eu lhe garantisse uma velhice perfeita”.

Por sua vez, “Dançarinos” retrata um episódio muito comum nos dias correntes: “Uma velha desesperada por dançar e ter companhia de jovens e uma filha desesperada com os custos da aventura”. Com distúrbios mentais, a mãe, na ânsia de estar viva, e acolchoar a solidão, ou mascarar-la, dá dinheiro e presentes

caros a espertos dançarinos de aluguel. Já no fragmento “Tapete vermelho”, o leitor conhece Ilma, ainda jovem, “porte de imperatriz”, “a mulher mais fulgurante a entrar em meu consultório” – proclama o eu narrativo. Altiva, Ilma caminhava “como se o piso fosse um tapete vermelho estendido somente para ela”. Contudo, com o passar dos anos, ela foi transmitindo ao geriatra-contista suas emoções e a gradativa ruína do corpo e da alma. Todavia, com farta aposentadoria, Ilma continuava a dominar a família, sobremodo, a submissa sobrinha. No final, encanecida e muito mal, torciam todos para que ela não morresse. Precisavam do dinheiro dela...

Desse dramático episódio, várias reflexões dão a pensar nos níveis socioeconômico, psicológico e ontológico. Primeiro: o relato revela a doída certeza de que, cada vez mais hoje, inúmeros idosos assumem as despesas domésticas de tantas famílias. Aturam-nos por isso. E como as visitas ao doente são poucas e rápidas... Parentes cumprem, apenas, o ritual da forçada tarefa aos sábados ou aos domingos. Segundo: o conto mostra que todas as pessoas são iguais e carentes diante do médico. E julgam suas queixas “por mais simples ou inconsistentes”, “as mais importantes do mundo”. Terceiro: “Na tragédia orgânica”, a morte retira de todos o tapete vermelho. E lá se vão beleza, majestade, dinheiro, orgulho... Em suma, as glórias e as falácias do mundo! O texto tangencia assim o império do efêmero, do transitório, e deixa entrever como as identidades de cada indivíduo nunca estão prontas, mas sempre em processo... até que a morte venha com a gadanha, a foice terrível, retirar um a um do jogo da vida.

Já o pequenino texto “Eugênia, a imperatriz” trata do universo de Guilherme, homem culto e admirado, que, na velhice, teve a privacidade invadida pela necessária internação. Em meio do enredo, o narrador-geriatra dá o necessário recado com persuasiva eficácia: “Os médicos e profissionais da área de saúde devem compreender que a exposição de um ser humano é uma das mais fantásticas humilhações que um indivíduo pode vivenciar. [...] isto pode parecer normal, mas é dever ter sempre presente o respeito, em qualquer circunstância”. Indicando caminhos, sem tons professorais, Norberto Boechat aconselha o cuidador, esta nova profissão que se ocupa dos velhos e enfermos, e os profissionais da saúde, em geral, a aguçarem os sentidos para os sutis apelos, indícios e pistas dos que estão sob sua guarda. Cada indivíduo é único, dotado de reações e de formas diferentes nas dificuldades, sonhos e frustrações. A deferência e a consideração pelo paciente, entendido em sua totalidade, constituem um leitmotiv da obra. Aliás, bem em consonância com o respeito pela alteridade, propugnado pelo lema do “politicamente correto”.

6 Mas o livro não é só de dores.

Existem alguns velhos que se abrem ao novo sem reservas e com certa alegria. Sacodem a poeira da idade, das mazelas e das vicissitudes e dão a volta por cima. Mesmo aposentados, eles não se restringem aos aposentos com chinelos, pijamas e cadeiras de balanço. Nem ficam parados à janela iguais às palavras da canção... Tampouco se “fantasiam” de jovens com roupas extravagantes e ridículas para enganarem a idade. Vivenciam a velhice com possível autonomia e dignidade, sem inspirarem gracejos, piedade e mal-estar aos parentes. Conscientes, eles se afinam com as energias pulsantes do universo, ainda que por fim se deparem com o irrevogável mistério, encravado na carne.

Tal é a temática de “Charles Brisset”, descrição de um idoso bem-sucedido que, “aos noventa anos, se expandia” nas pistas de dança, “coreografando, ao sabor da melodia”, a própria vida. Sua história espande, quando o narrador apresenta aquele homem de “riso sempre presente”, “de uma realidade interior grandiosa”, que, mesmo diante das adversidades, “jamais se deixou abater”. Ele esteve no famoso incêndio do edifício Andorinha, do Rio de Janeiro e, tal qual fênix, Brisset ressurgiu das cinzas. Em que pese com fraturas pelo corpo, ao bombeiro que o recolheu, “sentenciou alegre: Antes quebrado do que queimado”. Extraordinária “imagem viva de que envelhecer não é se ir morrendo...” – arrematou o narrador.

Também, por que não mencionar a galante fantasia amorosa do conto “Juca, o conquistador”? Composto numa prosa poética embalante, nele, dois velhinhos, um homem e uma mulher, ambos portadores do mal de Alzheimer, passam seus dias finais de mãos dadas num asilo. Mutuamente se completam na “sozinhos” do vazio existencial. Ao concluir o episódio da lírica aceitação do amor entre idosos, no qual, as identidades daqueles dois seres vão-se, juntas, reconstruindo nos impulsos afetivos, surge a inquirição do médico-filósofo, que, sem preconceitos, comenta o inusitado fato: “O que pensar dos circuitos cerebrais que permitiram, naquele campo devastado, esses impulsos?”.

“Pianos” e mais uma lição tocante de vida, ao trazer à cena literária, Lenita, professora de piano, musicando seu mundo com beleza e arte. As sucessivas mortes familiares, as perdas monetárias, a doença nas articulações não a impediram de dedilhar o instrumento, ciente de que era preciso prosseguir, de que não deveria parar, de que a vida é um processo em construção. Sua história então se arremata com as ponderações do médico-narrador: “Tudo lhe é tirado, contudo, permaneceu uma inabalável fé em que algo ainda poderia ser feito. Esta esperança, esta expectativa, em seus noventa anos, fazia nos receber sempre com um sorriso e olhos brilhantes...”.

7 Os movimentos da memória.

“**Me dê a mão**” representa, conforme já se disse, um conjunto de recordações memorialísticas de fatos vividos pelo médico-escritor no convívio com doentes idosos. No trânsito de uma escrita, ao mesmo tempo documental e literária, Boechat “andarilha” por sua memória e pela memória dos outros, ou melhor de tantos “Outros”, quando imerge no palco da mente e do coração de cada personagem-paciente. Porém, em meio a seus relatos clínicos, o eu do enunciado, às vezes, se funde ao eu da enunciação e se desloca para lembranças reconstruídas da sua própria meninice, juventude e maturidade. Através da palavra autobiográfica, embora colorida por tons poéticos, o contista compõe um palimpsesto de várias memórias superpostas de diferentes níveis de reminiscências.

Narrando para não esquecer o passado ou para transmitir experiências, o fato é que seus relatos logo estabelecem com o leitor o tão conhecido “pacto autobiográfico”, gênero de escrita assim nomeado por Phillipe Lejeune, um dos papas do memorialismo literário. Para este crítico francês, quando alguém conta sua história, se analisa e se confessa produz um efeito perturbador no espírito de quem lê, semelhante a um eco. Desencadeia no receptor uma espécie de meditação sobre a sua própria existência. Dá-se, então, segundo Lejeune, um pacto entre ambos. Ao contar a sua vida, o autor promete dizer a verdade a respeito de si. O leitor entra, então, no jogo ficcional, compactua com o escritor e aceita como sendo verdadeiro o que lhe está sendo transmitido. Realiza-se assim entre ambos uma intimidade cúmplice.

Todavia, é consabido que qualquer narrativa vinda da memória nunca é totalmente exata, nem isenta de flutuações. Quando ela emerge, já vem nebulosa, cambiante, adulterada em confusas anamneses. Recordações normalmente são inverídicas, fantasiosas, por mais que o narrador afiance, de forma persuasiva, ser verdadeiro o seu relato. Em que pese sedutor, o discurso da memória é traiçoeiro, falacioso. Desliza por entre os fatos com a leveza de uma bailarina¹³, oferecendo uma história lacunar, incompleta, movediça. Então, para tentar recompor “o que poderia ter sido, e que não foi”, o escritor preenche as imprecisões, os hiatos da memória com a imaginação literária, com a criação poética. Assim, o pacto autobiográfico de Lejeune se encaminha para o âmbito da “autoficção”, nomenclatura proposta por Serge Doubrovsky, ao publicar em 1977, o seu romance **Fils**.

A propósito: em entrevista recente a Miguel Conde para **O Globo** (caderno de literatura Prosa & Verso, 10/10/ 2009), Phillipe Lejeune, interrogado sobre o que está jogo em tais escritas autobiográficas e quais os limites entre o imaginário, o histórico e o biográfico, esclareceu que “antigamente, existiam romances autobiográficos, que costumavam ser considerados um gênero secundário. Eles perdiam nas duas frentes:

eram menos interessantes do que os romances de fato, e menos verdadeiros do que as autobiografias”. E, aplaudindo o sucesso do termo “autoficção”, cunhado por Doubrovsky, concluiu: “as autobiografias ficcionalizadas ganham em duas frentes: ter o frisson da verdade autobiográfica e o charme da elaboração estética”.

Tais explicações em torno da mobilidade da memória, do pacto autobiográfico de Lejeune e da autoficção de Doubrovsky – aparentemente descosidas neste ensaio – são, no entanto, pertinentes à leitura dos contos de Boechat. Todos os textos de “**Me dê a mão**” constituem-se de recriações literárias de sua vivência médica. São, pois, autoficções, a formarem, interativamente, o grande mosaico autobiográfico-poético do livro. Trazendo a asserção citada por Lejeune para as histórias em análise do médico-contista, pode-se dizer que elas têm “o *frisson* da verdade autobiográfica e o *charme* da elaboração estética”.

Porém, há um miniconto por excelência em que a voz autoral se encontra mais nitidamente com a voz ficcional. Seu título já é expressivo, “Encontros” – conjunto de memórias pessoais romanceadas – para as quais estão entrançadas as lembranças do narrador-autor a partir de Tati, a esposa do médico amigo que, em sua cidade natal, trouxe o pequeno Boechat ao mundo. Dois momentos cronológicos também se reencontram no tempo da escritura, estabelecendo o pacto com o leitor para partilhar da experiência da enunciação autoral, onde a memória “literarizada” é uma das grandes âncoras.

O primeiro momento recorda *flashes* infantis do garoto Norberto em convívio com Tati, amiga da família, “deusa de [sua] admiração”, moradora com o marido e os filhos “na casa de janelas altas”, “na rua do grupo escolar Pereira Passos”. No olhar extasiado do pequeno, o esposo de Tati figurava-lhe um ser “do olimpo da medicina de então”. Passaram-se anos... No segundo tempo da narrativa a surpresa: Tati, em seu “consultório de Niterói”, agora, sua paciente. Mas a luta foi inútil para “o sorriso e a graça voltarem a iluminar seu natural encanto”, pois “da mesma maneira como veio, Tati se foi” – externam, coesos, o enunciado e a enunciação do eu escritural do conto.

Com suave frescor e delicadeza, a história encaminha reflexões sobre a efemeridade das coisas e a força do destino “esse implacável construtor e demolidor” de sentimentos. Na trama de encontros/desencontros, a autobiografia ficcionalizada – ou seja, a autoficção –, complementa cambiâncias e vazios da memória, agora reconstituída através da criação poética. Tati simbolizou a *madeleine proustiana* de Boechat. Por intermédio dela, o adulto-criança foi “à busca do tempo perdido” nos

¹³ Nélda Piñon, no fragmento “Mnemósines” de **O pão de cada dia**, comparou a memória ao deslizar da dançarina, além de outras metáforas expressivas, conforme se lê: “A memória tem a densidade e a leveza de uma bailarina. É algo engraçado, cheio de fiapos que desobedecem ao rigor do tempo. É como areia movediça. A memória trai”. (PINON, 1994. p.16).

confins da interiorana Pirapetinga, já enevoadas no mapa do coração.

Entretanto, em “Além da janela”, a forte escrita ainda mais se descortina pelas frinchas textuais através dos artifícios da memória. Contudo, não mais estão ali as recordações pessoais do médico-escritor. O narrador onisciente em terceira pessoa relata o que se passou na consciência e no coração do único personagem do conto nos instantes transformadores do final da sua vida. Soberba é a exposição. Grande, o poder de síntese. Luminosos, os detalhes. Atmosfera rústica. Ritmo cantante, ao mesmo tempo seco, enxuto. Lembra o estilo conciso de Graciliano Ramos. Na singeleza do arranjo vocabular, cada objeto ganha vida artística. Talvez seja o miniconto mais tocante da coletânea. Por isso, vale a reprodução dos dois parágrafos iniciais, nos quais já se constata a esmerada técnica da sua construção:

Cozinha de terra batida, com fogão de barro branco marcado por trajetos negros de fervuras. Feito de lascas de madeira, tinha aspecto grotesco, disforme, como um animal aleijado. No canto de onde saía a chaminé, um coador de madeira e um canecão. Estava já apagado e o último tição da noite jazia entre as cinzas. Canecos pendurados em pregos nas paredes. As gretas da porta deixavam entrar a luminosidade do dia.

Acordou e, da cama, ficou contemplando o velho fogão. Nada convidava para levantar, nada o esperava. Fitou a cumeeira bordada pelos filetes de luz nas frestas das telhas, não queria nada. Apoiou-se no parapeito carcomido e olhou a estrada e a mata em frente. Vagou por aquela paisagem familiar e aconchegou os joelhos sobre a parede, como fazia sempre para dividir o peso do corpo (2006, p.61).

Como num quadro em movimento, o primeiro parágrafo focaliza o cenário, à maneira de tomadas cinematográficas. A câmera narrativa vai dando *closes*, transitando por toscos utensílios, para particularizar o mundo de quem ali habita. A ação textual do segundo parágrafo assemelha-se à dinâmica de um *travelling* e caminha para a constatação de que existe ali um misterioso “alguém”, um “ele”, ainda oculto, mas em realce no primeiro plano da sequência das orações. Isso claramente é denotado pela elipse do sujeito em todos os verbos na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito: “Acordou”, “Fitou”, “Apoiou-se”, “Vagou”, “aconchegou”, “fazia”, “olhou”. Além deste registro no passado, também é relevante o fato de os verbos estarem dando início à grande maioria das frases.

De imediato, instala-se o suspense, sem dúvida, no leitor. Quem realizou as ações narradas naqueles enunciados? Quem seria aquele “ele”, ainda oculto, não identificado? Efeitos estilísticos, geradores de expectativa e questionamentos à interpretação, nem sempre são fáceis de serem criados por quem escreve. Sem entrar em discussões de teorias literárias, apenas aqui se consigna que o autor soube

manejar com segurança os cordéis da narrativa, ao instaurar o impacto. Num livro de estreia literária, Boechat conseguiu a dose certa, o necessário equilíbrio para provocar curiosidade no leitor e fazê-lo meditar.

Por fim, o relato evolui para o inesperado fecho com a descoberta daquele “ele”, um velho doente – aliás, sem nome – que, antes de morrer, de manhãzinha vislumbrou, no mais “além da janela” do quarto, o apelo essencial da mata. E esta o conduziu a seu passado. A partir desse signo detonador da memória afetiva, emergiu o tempo psicológico no reminescente personagem. A infância ressurgiu em meio à morte iminente. Intercâmbios de luz e sombra, peculiares aos fluxos flutuantes da memória, infiltraram-se pelas gretas da alma e pelos interstícios do texto. Os começos e os fins do protagonista reuniram-se naquele seu último amanhecer. No círculo dos tempos, fechou-se o ciclo da vida. E tudo se reuniu na estética miniatural desse “grande” miniconto, em que, com contida emoção, o autor atenuou a solenidade dramática daquela passagem...

8 Conclusão

Múltiplos são, pois, os olhares em torno do tema, aqui esboçados em alguns *flashes* das situações vitais, literariamente reconstituídas em “**Me dê a mão**”. Norberto Boechat repensa o fenômeno do envelhecimento à luz de uma utopia não mais distante, mas esperançosa e prática no aqui-e-agora do mundo, na linha de Ernst Bloch, apesar da complexidade do assunto. Na análise dos sentimentos dos personagens, indica caminhos, pondera, argumenta, elucubra e discute principalmente nos últimos capítulos o impasse dos asilos, um dos grandes desafios dos tempos modernos. Mostra que os velhos, seres que antes vegetavam à margem do mundo, agora já estão fazendo a travessia para novas figurações identitárias. Contudo, ainda carecem de atenção, em que pese muita coisa já se tenha mudado no panorama mundial.

A fim de rever posições, os textos finais “Trajetórias”, “Sobre os asilos” e “O homem diante do asilo”, construídos em linguagem mais direta e incisiva, articulam-se com perguntas que se sucedem e se abrem a outras, o que demonstra as multifaces da questão da velhice e o conseqüente problema asilar em processo de remodelação. Ao encadear questões, apoiado em estatísticas, Boechat formula possíveis respostas. Ou melhor, hipóteses, numa montagem dinâmica e dialética de teses e antíteses que se sucedem na estruturação do pensamento, visando a uma síntese conscientizadora, embora em aberto.

Espirando ideias, Norberto Boechat coloca a velhice e os asilos num contexto

mais amplo. Dotado das armas da crítica, entretanto, sem ímpetos missionários, ele situa a questão na esfera do mundo globalizado, em que as individualidades se diluem, o projeto existencial de cada um se estilhaça, o capitalismo desenfreado e desumano contribui para o vertiginoso desenvolvimento material do planeta. No entanto, nem tudo para ele está perdido. Ao conjugar o tema da senilidade à ficção, lança vigorosas mensagens àqueles – felizmente já bem poucos – que ainda julgam a terceira idade um fardo ou encaram a velhice com desprezo e vergonha. Esperançoso, demonstra a seu leitor que tudo está se reconstruindo no movimento das coisas *in fieri*.

Ao examinar o problema com lentes metódicas, o autor chega à conclusão de que “envelhecemos exatamente como encaramos a vida, a nossa construção, o nosso passado; como nos comportamos, como nos assumimos. Envelhecemos como vivemos”. Observe-se que o autor, na esteira proposta do devir de Heráclito, posição também adotada pelos Estudos Culturais, usou nestas afirmações o termo “construção”, consciente de que envelhecer é um processo dinâmico e que se vai perfazendo por etapas nos trânsitos e passagens pelos itinerários do mundo, atitude resultante da maneira pela qual cada um encara seu projeto vital e assume a sua destinação.

Ao término, para complementar-lhe a obra, transcreve o depoimento da filha de uma de suas pacientes. Ela traça o perfil do que julga ser um verdadeiro médico, sobretudo, um geriatra. Entre outras qualidades, realça que deve “ter orelhas e olhos enormes para captar e “ver através” dos fatos. A moça também lança perguntas: “Seria apenas aquele que ‘passa visitas’ sem o olhar e o ouvido que lhe motivaram a escolha da especialidade? Será diferente o velho sem parentes por perto?”. E resume, enfática: “O geriatra, ao escolher a caminhada, deve ter em mente, a cada momento, que precisa ser um médico de almas...” E aqui neste ensaio se acrescenta: não só o geriatra, mas o Médico em geral!

Diante dos episódios enriquecedores de “**Me dê a mão**”, que o discurso literário mimeticamente transfigurou nessas “autoficções”, cabe, agora, ao leitor procurar o livro nas livrarias e mergulhar em suas páginas. E, ao lê-las, entrelaçar também a sua mão e a mente na corrente de palavras, solidariedade e reflexões dessas histórias bem narradas e universalmente “verdadeiras”. Contudo, é necessário também saber olhar. Olhar “além da janela”. Ou “ver através”. Divisar “o mais além”, no aquém do horizonte circundante, materializado e egoísta.

Perceber, então, o que se passa no íntimo daquele velho, às vezes, tão próximo e já prestes do fim. Dar a ele visibilidade, respeito, segurança, liberdade. Com compreensão e tolerância, escutar a sua voz, embora vagarosa e enfraquecida. Ouvir, sem mofo ou desprezo, suas histórias e casos sempre repetidos. Acolher, de forma “politicamente correta” a sua “diferença”. Sem preconceito, respeitar sua alteridade,

sua humana substância, em que pese débil e fragmentada, ainda se construindo no pouco tempo que lhe resta. Tentar trocar com ele experiências, para também aprender sábias lições, como faziam as tribos arcaicas diante do saber dos longevos. Cada velho que morre perde-se uma biblioteca – afirma um axioma oriental.

Por meio de um idoso, revisitam-se, de fato, as arcas da cultura e os arcanos da memória de um povo, a exemplo dos arcontes da Grécia clássica que arquivaram os segredos da pólis e os transmitiram aos pósteros. Entretanto, não é apenas por isso que o ancião deve ser reverenciado. Ratificando uma das funções básicas da literatura, qual seja, a de “pensar a existência” em profundidade, segundo Heidegger, Boechat, sutilmente usa o veículo da página literária para demonstrar que é necessário compreender o declínio biológico do ancião. Mas, acima de tudo, ofertar-lhe a compaixão que a coletânea “**Me dê a mão**”, em síntese, propõe. A fim de que cada um de nós tente mudar e melhorar o mundo...

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. In: OS PENSADORES. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. (La vieillesse foi publicada na França em 1970)

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BERGSON, Henri. **Durée et simultanité**. Paris: PUF, 1968.

_____. **Matière et mémoire**. Paris: PUF, 1982.

BLOCH, Ernst. **Le principe esperance (v.I) Les épures d'un mode meilleur (v.II) et Les images-souhaits de l'instant exaucé(v.III)**. Traduit de l'allemand par Françoise Wuilmart. Paris: Gallimard, 1991. (O teórico da utopia escreveu as três obras no período de 1938-1947)

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. De senectude e outros escritos autobiográficos. Tradução Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOECHAT, Norberto Seródio. **"Me dê a mão"**: sobre envelhecimento, idosos e asilos. Niterói, RJ: Muiraquitã Ed., 2006.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. Dos pré-socráticos a Aristóteles. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer**: seguido de A amizade. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L& PM, 1999.

COLEÇÃO BIBLIOTECA ALERJ. **A terceira idade**. Legislação. Vol 1 . Ano 2001.

CONDE, Miguel. **A vida que se escreve**. Um ato literário e um ato social. Texto sobre Philippe Lejeune e entrevista com este memorialista francês. O Globo. Rio de Janeiro, 10/10/ 2009. Prosa & Verso, Caderno de Literatura, p. 1-2.

DOUBROVSKY, Serge. **Autobiographiques**, de Corneille à Sartre. Paris: PUF, 1988.

DURANT, Will. **Os grandes pensadores**. Trad.de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1967.

FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette Velloso (Org.). **Figurações da alteridade**. Niterói: EdUFF, 2007.

FURTER, Pierre. **Dialética da esperança**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1974.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

LANDOWSKI, Eric. **Presença do outro: ensaios de sociosemiótica**. Trad. Mary A. Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Campinas UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 2005.

_____. **Signes de la vie**. Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 2005.

MONTAIGNE, Michel. **Essais**. In: OS PENSADORES. Trad.de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

NASCIMENTO, Dalma. Os velhos, os sábios que a sociedade rejeita. Resenha de **Além da idade da razão** - longevidade e saber na ficção brasileira e entrevista com a autora, Carmen Lúcia Tindó Secco. Tribuna da Imprensa. Caderno Bis, 16/02/1995. p.1.

PELEGRINO, Roberto. **O mistério da vida e a certeza da morte**. Recanto das Letras. 04/03/2009, disponível em 16/11/2009 <http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas>

PLATÃO. **A república**; livro XII. Brasília: UnB, 1985.

PINON, Nélide. **O pão de cada dia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Édition du Seuil, 2000.

RUBY, Christian. **Les archipels de la différence**. Paris: Éditions du Félin, 1989.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Além da idade da razão** - longevidade e saber na ficção brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1995.

SÊNECA. **Da tranquilidade da alma**. Trad. Giulio David e Leoni. Os pensadores. São Paulo, Nova Cultura 1999.

RODRIGUES, Helenice & KOHLER, Heliane (Org.) **Travessias e cruzamentos culturais**. A mobilidade em questão. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**. A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.